

Uma perda para a historiografia paulista

Odilon Nogueira de MATOS

Com o falecimento de Alfredo Ellis Júnior, ocorrido em meados do mês passado, perdeu a historiografia paulista um dos seus grandes nomes. Afastado de suas funções na Universidade de São Paulo devido a uma tenaz enfermidade que o invalidou por quase vinte anos, deixa uma das mais belas folhas de serviço à cultura paulista, fruto de extremada dedicação ao passado de sua terra, do qual foi incansável pesquisador e cuja evolução histórica analisou sob os mais diversos ângulos. Sua bibliografia compreende para mais de trinta volumes, nos quais a tônica dominante é o acendrado amor a São Paulo e, conseqüentemente, o interesse por tudo quanto lhe dissesse respeito.

Os primeiros trabalhos de investigação histórica elaborados por Alfredo Ellis Júnior foram duas teses apresentadas a um congresso de História promovido pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1922, ao ensejo do centenário da Independência. Embora os primeiros escritos, não foram os primeiros publicados, pois os anais do referido congresso, nos quais eles foram inseridos, só vieram a público em 1927. E nessa altura, a história de São Paulo e que fora proferida no Centro Paulista, do Rio de Janeiro.

Seus três primeiros livros intitulam-se "O bandeirismo paulista e o recuo do meridiano", "Raça de gigantes" e "Pedras lascadas". O primeiro representa uma exaustiva pesquisa na documentação histórica mandada publicar por Washington Lus, e que lhe permitiu trazer original contribuição de um dos maiores episódios de nossa história. "Raça de gigantes" teve seu título tomado de empréstimo a Saint-Hilaire. Como é sabido, o grande botânico francês impressionou-se com o passado paulista e para ele certas passagens de nossa história só teriam explicação se os paulistas pertencessem a uma raça de gigantes. Nessa obra Ellis Júnior abordava certos problemas de natureza antropológica, sociológica ou da psicologia social, matérias que constituíam, ainda novidade entre nós, e que nem sempre eram bem assimiladas pelos poucos que, no Brasil, arriscavam-se a tratar de tais assuntos, esposando, muitas vezes, idéias ou conceitos já superados em seus países de origem. A obra de Ellis, sob este aspecto talvez não resista a uma crítica à luz dos novos métodos de pesquisa e investigação dessas matérias, o mesmo, aliás, que se pode dizer de certas páginas de Oliveira Viana, de Silvio Romero ou do próprio Euclides da Cunha. Isso, entretanto, não lhes tira o caráter de pioneiros, desbravadores, em nosso meio, desses novos caminhos, através dos quais, a História e a Geografia deixaram de ser simplesmente narrativas ou enumerativas, revestindo-se ambas do natural e lógico embasamento científico. O livro de Alfredo Ellis Júnior, pondo de lado certos conceitos que hoje precisariam ser reformulados à luz de uma metodologia mais científica, contém páginas admiráveis referentes a certos aspectos de história econômica e social de São Paulo, sobretudo no que respeita à pequena propriedade, à agricultura de subsistência e à miscigenação euro-americana. A importância dada pelo autor a este último tópico foi tão marcante que, ao reeditar seu livro, quinze anos mais tarde, preferiu dar-lhe outro título: "Os primeiros troncos paulistas e o cruzamento euro-americano".

A revolução de 1932 inspirou a Ellis Júnior dois livros: "A nossa guerra", estudo crítico do movimento constitucionalista, e "Confederação ou separação", em que estudou a situação de São Paulo nos quadros da Federação. Este último livro alcançou duas edições e acabou sendo quase integralmente incorporado a uma obra publicada em 1937 com o título "A evolução da economia paulista e suas causas". Pouco antes, publicara "Populações paulistas", verdadeiro retrato demográfico de São Paulo nas vésperas da revolução de 30, pois a esse período remontam as pesquisas levadas a efeito pelo autor para escrevê-lo.

De permeio com essa produção histórica, econômica e sociológica, enveredou Ellis pelo romance histórico ou de ambientação histórica: "O tesouro de Cavendish", "Jaraguá", "O tigre ruivo", "Madrugada paulista", todos eles implicando em numerosas páginas de reconstrução do passado paulista, bem como pela literatura didática, escrevendo manuais de História para o ensino médio, a que se dedicou quando, após 1930, perdeu o mandato de deputado.

O ano de 1938 marca uma mudança de rumo na vida de Alfredo Ellis Júnior. As circunstâncias criadas com a implantação do "Estado Novo" forçaram-no a renunciar à política e, assim, passou a consagrar-se inteiramente ao magisterio e à pesquisa histórica. Contratado para reger a cadeira de História do Brasil da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo em substituição a Afonso de Taunay, pouco depois ali efetivou-se por concurso e ali permaneceu até 1952, quando suas condições de saúde tornaram-se precárias, obrigando-o ao afastamento. A partir de 1938, com raras exceções, todos os trabalhos que publicou foram editados oficialmente pela Universidade, na coleção de "Boletins", criada pela instituição para trabalhos originais de pesquisa e investigação, nas mais variadas áreas do saber. Nada menor de onze volumes ali publicou Ellis Júnior, alguns deles peças básicas da bibliografia histórica paulista, tais como "O Ouro e a Paulistânia", "O café e a Paulistânia", "Um parlamentar paulista da República" (biografia de seu pai, o senador Alfredo Ellis) e "Capítulo da história psicológica de São Paulo", entre outros. Para que se avalie a frequência com que Ellis escrevia bastará mencionar que dos treze volumes que constituem a coleção dos "Boletins" da Cadeira de História do Brasil da USP, onze são de sua autoria! E ainda achou tempo para escrever, para outras editoras, uma biografia de Raposo Tavares e uma história social de São Paulo.

Em artigo que tive oportunidade de escrever para a "Notícia Bibliográfica e Histórica", num de seus primeiros números, recordei meu relacionamento pessoal com Alfredo Ellis Júnior, que foi, efetivamente, muito grande. Dediquei-lhe meu último livro, que, não chegou a ser visto por ele. E naquele artigo, a que me referi, da "Notícia Bibliográfica" procedi a um levantamento, não diria completo, mas quase completo, de toda a sua produção, desde a pequena conferência de 1922 até a biografia de seu avô materno, pioneiro da cultura do café no oeste paulista.

Lembraria, para encerrar esta nota, que o historiador há pouco falecido pertenceu à Academia Paulista de Letras, na qual ocupou a vaga deixada pelo historiador campineiro Benedito Otávio.